



Para encanto geral, o lúdico deslizamento das palavras compõe, com harmonia e leveza, o canto *joyciano* em seu texto. Vou esforça-me para imitá-lo, começando a falar dele brincando com o nome *Teles*, com o fim de juntar-me a todos os queridos gaúchos, daí de Porto Alegre, comemorando, daqui do Recife, quinhão pernambucano, este memorável *bloomsday - 16 de junho* -, aí festejado, neste ano de 2010.

Primeiro, *dezdobro* o nome da Musa, seu sobrenome! Você observa: *Embora algumas pinturas, como a de William Waterhouse, por exemplo, retratem-nas em grande número, originalmente, eram duas: Partênope, cuja raiz παρθένος, denota virgindade, e Ligia, cujo nome deriva de uma flor das margens do Mediterrâneo. Quando lhes aumentam o número, uma delas irá chamar-se Teles, vejam só! Ora, eis a escuta, embora um tanto esdrúxula! Assim ouvido – Tele(s) -, com auxílio do anagrama imperfeito, não é um radical dos Gregos? Tele não significa comunicação à distância? E comunicação não é o que nos traz as Musas, em sinestésicas correspondências com a vida? Nos sons, e também nas cores, e também nos perfumes, não vai assim dos sonhos se evolvendo? Puros sentidos primordiais o canto das sereias invoca! E ainda, ainda, excentricamente, ouço, escandindo o T e abrindo a primeira vogal: T eles! Não evoca elo, margeado pelo imarginável riocorrente, transbordando no neologismo elar/ligar? Esse imperfeito e esquisito anagrama nos leva à associação com as sereias aladas, qual abelhas-mestra, no seu mortífero voo nupcial! E lido palindromicamente? seleT(e)! Sim! Selete sete das *neufs traditionels muses amusée* para saciar a sede do deus-rio Aquelô! Pois é assim como você trauteia: *Há música no ar!**

Depois, com pontuação sensível, sucessivamente assim vai você nos levando: *As sereias são capazes de enfeitiçar até o vento. Em inglês existem duas palavras para designar as sereias, siren, do grego Σειρήν, como empregado por Homero, e mermaid, de mere, que, além do sentido de marco, limite, fronteira, no vocabulário poético também se traduz por lago e mar, mais maid, que se traduz por donzela, moça solteira, virgem; mermaid é a maid of the sea, a virgem do mar, e parece ter entrado para a língua inglesa por volta do século XIV. No capítulo XI, onde faz uma paródia das sereias, Joyce usa sempre a versão mermaid. E se elas enfeitiçam até o vento, é porque um dia foram enfeitiçadas. E, aqui, trôpega, na vizinhança amistosa das línguas, acompanhando-o, também vou escutando, e*

j'ouïssance: mére made, referindo a *mãe*. Sim, também! A Mulher, jamais esquecida! - *Mermade!*-,

atravessando a voz do vento! Híbrida sereia! Não vai segredando o distante, inaudito acalanto!, e na voz invocante provocando o gozo nostálgico dos humanos mortais? *Mer made* oceânico! E lembro-me aqui de evocar Bloom. Que prece invocava sua *mére* na hora da *mort*? *Reza...* Que promessa queria? E Clarice escrevia: *Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa*. É que podemos ler esta palavra – *Reza* – também anagramaticamente, e agora em perfeito anagrama! E a lemos assim: *zerar...* E não é o que pretendem essas sereias aladas? Não é tal como você observa: *Não podendo então usufruir do prazer, não atraíam os homens para devorá-lo? Assim, que, bem pontuado, de um modo ou de outro, eram umas devoradoras de homens!*

Mas você não dá descanso! Para seguir sua trilha, é pôr o tênis nos pés! Assim, célere, corre no campo, e *gool!*: *Mas as sereias carregam consigo ainda uma característica semântica, a qual, na verdade, foi a que me levou a falar delas para vocês: o primeiro elemento de sua etimologia parece ser σείρά, com o sentido de corda, laço, liame e mesmo armadilha. Não é o que faz a música? Não tem a música o poder de nos envolver? Sim! Sim! E num salto, aiônico, evoco agora a trágica maneira de morrer das donzelas, as *párthenoi!* No laço! Ah Musa Partênope!*

E o lirismo também vai fazendo casa em seu coração... Que bonita esta composição amorosa, a seguir! Nela, camonianamente, vemos *transformar-se o amador na cousa amada!* Assim: *O caçador com seu clarim. Clarina. Você tem a?* Como Clarisse, também sim! *O a* não é a *causa* de muito cantar? Belíssima! Belíssima imagem incorpórea!

E depois de bem joycianamente deambular por portos alegres - *A ilha das sereias será agora o Bar Ormond, um dos lugares preferidos pelos dublinenses para ouvir música. Atendem aí duas maids, miss Lydia Douce, o bronze, e miss Minna Kennedy, o ouro. Os metais denunciam uma época homérica. Ondas espumantes percorrem a sala em canecos de cerveja* – com certeza, não tenho dúvida!, precisou fazer como o fez *Ulysses!* Mas, afinal, por aí também escutou o doce canto de encantos suaves, de ledos engodos das aladas palavras, que, em lentos compassos, pacificou as fortes batidas desse coração joyciano. (Vale a pena reler esta partitura de Joyce que compõe o texto olynthiano):

(...) através da quietude do ar uma voz cantava para eles, baixo, não era chuva, não eram folhas em murmúrio, como nenhuma voz de instrumentos de corda ou de sopro ou comovocéaschama cítaras, enternecendo seus ouvidos serenos com palavras, os corações serenos de cada um as suas vidas lembradas. Bom, bom de ouvir (p.304).

E, assim, vou por aí, tropegamente, lhe seguindo. Então, já no final da caminhada, paro e (invejo-lhe a companhia!) pretendo fazer igual. Como você, presto, também, uma *menção honrosa* ao nosso genial tradutor do *Finnegans Wake!* Transcrevo aqui estes dois líricos, belos, belíssimos! excertos da introdução ao primeiro volume desta fáustica Tradução, *Finnicius Revém!*:

Por flores e por floras, por faunos e por faunas, por vidas e por vias, flui *Finnegans Wake*, o romance e o rio, o romance-rio. E fluem recordações, estilhaçadas, entrelaçadas. Como os átomos epicúreos, os fragmentos joycianos caem em efêmeras e progressivas combinações.

★

À semelhança de Thor, de Prometeu, de Osíris, de Cristo, de Buda... no ressurreto borbulha a vida. Persuadem-no a voltar ao leito da morte para que outros vivam em seu lugar.

Brindemos, libando a *poção poderosa!* E *com um trago tragando trago e um passo passando passo tão airoso. Pois lá está o coração delas...*

Dulcinea Santos
Recife, 16/06/10